

ID: 110901832

02-05-2024

CONJUNTURA

# Meta de Sarmento para o PIB pode estar ao alcance antes do verão

Previsão do ministro das Finanças, a mais pessimista das instituições nacionais, fica perto de ser rapidamente ultrapassada após PIB ter voltado a subir acima das expectativas no primeiro trimestre.

MARIA CAETANO

mariacaetano@negocios.pt

JOANA ALMEIDA

joanaalmeida@negocios.pt

Uma nova aceleração no consumo das famílias no primeiro trimestre ajudou mais uma vez a elevar as possibilidades de crescimento económico anual, e a abrir caminho para que a meta do novo Governo para o PIB possa estar ao alcance no final do segundo trimestre, à entrada do verão.

Após dois trimestres consecutivos com uma taxa de crescimento de 0,7%, acima do esperado, o patamar em que ficou o PIB no final de março garante já 1,2% de crescimento em 2024, mesmo num cenário de estagnação para o resto do ano, de acordo com os cálculos do Negócios.

Basta agora que ocorra uma variação adicional mínima de 0,5% no próximo trimestre, sem contração posterior da economia, para assegurar que é atingida a meta anual de crescimento de 1,5% fixada pelo ministro das Finanças, Miranda Sarmento, no Programa de Estabilidade, apresentado no mês passado.

O documento – recorde-se – foi concebido sem considerar quaisquer novas políticas do Governo de Luís Montenegro, e a previsão de crescimento inscrita

para este ano condicionou em parte a projeção de um excedente de apenas 0,3% do PIB em 2024. Este representa, essencialmente, a margem de que as Finanças poderão dispor para medidas ao longo dos próximos meses sem pôr em causa o equilíbrio orçamental. Outro fator a condicionar o excedente foi a previsão de uma forte elevação das despesas: em 1,7% do PIB, face a 2023.

A estimativa preliminar do PIB do primeiro trimestre, conhecida na última terça-feira, permite, no entanto, melhorar substancialmente as perspetivas do Terreiro do Paço, atualmente abaixo das de Conselho das Finanças Públicas (1,6%), do Fundo Monetário Internacional (1,7%) e do Banco de Portugal (2%). O OCDE revê entretanto nesta quinta-feira a previsão para Portugal, e a Comissão Europeia deverá fazê-lo ainda este mês.

Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) indicaram que a economia manteve o ritmo do final de 2023, voltando a registar uma variação trimestral do PIB de 0,7%. A variação homóloga foi de 1,4%, menor do que os 2,1% do trimestre anterior, mas este abrandamento é influenciado pela base de comparação – o primeiro trimestre de 2023 –, um período de crescimento muito elevado (1,5% de subida do PIB em cadeia).

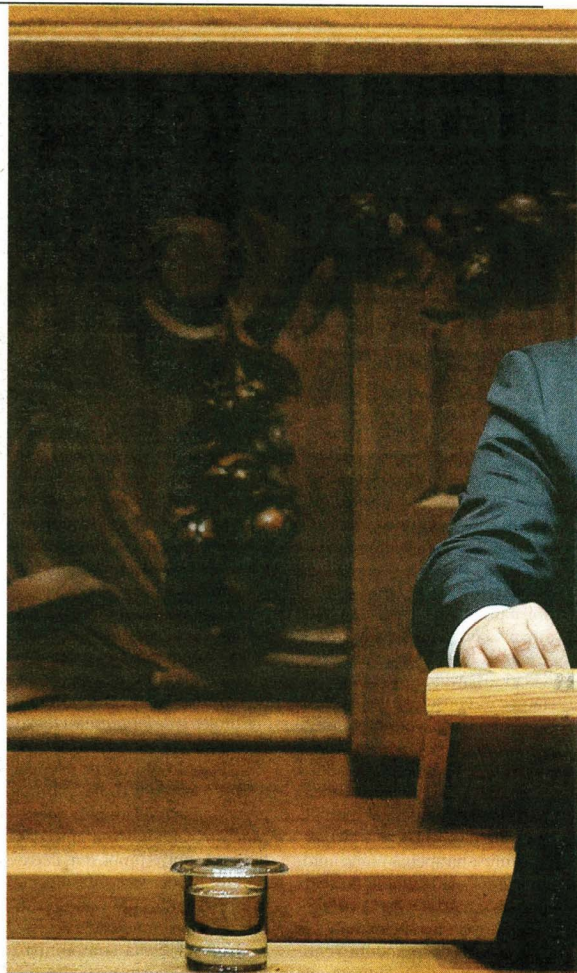
Segundo o INE, para a variação trimestral ocorrida contou

uma nova aceleração do consumo privado, pese embora o facto de o investimento ter caído e determinado um menor contributo da procura interna. Já a procura externa líquida voltou a ter um contributo positivo para o PIB, o que não ocorria desde a primavera do ano passado. Contudo, esse contributo resultou de ter havido uma maior desaceleração nas importações de bens e serviços do que nas exportações de bens e serviços, que também, abrandaram.

## Frente externa ainda incerta

A melhoria na frente externa ocorreu perante alguma reanimação da Zona Euro, que assegurou um crescimento trimestral de 0,3%, acima das expectativas e superando mais de um ano atravessado em estagnação e, já nos últimos trimestres, inclusivamente em recessão.

O núcleo de previsões da Universidade Católica, o NECEP, admite que a procura externa dirigida a Portugal – e também a Espanha – tenha beneficiado da “melhoria da conjuntura na Zona Euro com destaque para a Alemanha, apesar da fragilidade do respetivo crescimento, bem como de França e Itália”. Contudo, é assinalado que o crescimento de Portugal parece ser “suportado por uma redução expressiva das importações em termos reais num contexto de queda das exportações e do investimento”. “Na prática, os ajustamentos de preços

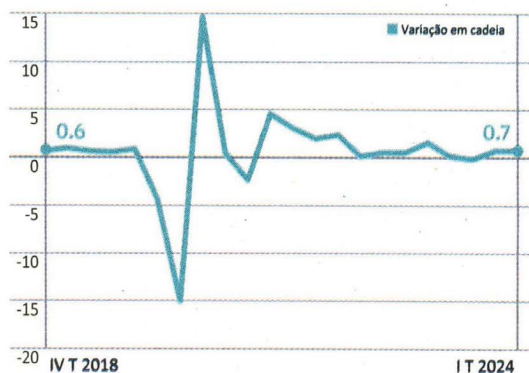


O ministro das Finanças, Miranda Sarmento, inscreveu no Programa de Estabilidade

## PIB MANTÉM RITMO DE SUBIDA DO FIM DE 2023

Variação trimestral do PIB real, em percentagem

Após a quebra de 0,2% no verão passado, o PIB avançou 0,7% no trimestre final de 2023 e novamente, na mesma medida, no arranque de 2024, mantendo o ritmo. Bastará que suba 0,5% no segundo trimestre, mesmo estagnando nos seguintes, para haver 1,5% de crescimento anual.



Fonte: INE



ID: 110901832

02-05-2024

André Koster/Lusa



1,5% de subida do PIB e 0,3% de excedente público em 2024.

podem estar a favorecer a ocorrência de crescimento em volume através das componentes externas", refere o NECEP, que para já mantém a previsão de crescimento anual de 1,5%, segundo o economista João Borges Assunção.

Também o bastonário da Ordem dos Economistas, António Mendonça, lembra que "a instabilidade internacional não dá mostras de se atenuar, pelo contrário, todos os sinais vão em sentido contrário" e destaca resultados ainda pouco convincentes na procura externa da economia portuguesa, "cujos efeitos mais negativos são atenuados, na medida em que se refletem na diminuição das importações". Entretanto, diz, "a ameaça de recessão continuará a existir. Em grande parte dependerá da evolução da conjuntura internacional. E, também do modo como isso se refletir na procura de turismo".

Alexandra Ferreira Lopes,

economista do ISCTE, alerta também que para os próximos meses "devem ainda sentir-se efeitos negativos das elevadas taxas de juro, que prejudicam o consumo e o investimento.

Por outro lado, assinala, "o crescimento do PIB na zona euro superou as expectativas, por isso pode ajudar também a que a situação da economia portuguesa não se agra-



**A ameaça da recessão continuará a existir. Em grande parte dependerá da conjuntura internacional.**

ANTÓNIO MENDONÇA  
Economista

ve tanto". Os dados mais recentes do indicador diário de atividade do Banco de Portugal têm-se mostrando, entretanto, bastante mais negativos do que os registados nos primeiros três meses do ano.

Mais otimista, o departamento de estudos económicos do BPI destaca o efeito de "carry-over", ou arrastamento, garantido já relativamente ao ano passado, e assume como provável uma revisão em alta da previsão de 1,6% de crescimento que fez para este ano. "Todavia, nesta provável revisão em alta não deixará de estar presente a existência de riscos negativos que limitarão a amplitude de revisão. Estes riscos situam-se, essencialmente, na frente externa e relacionam-se com as tensões geopolíticas que podem afetar o comportamento dos preços das 'commodities' no comércio internacional", reflete a nota da economista Teresa Gil Pinheiro. ■

## Inflação na Zona Euro resiste a dois meses do primeiro corte de juros

**Taxa de inflação na Zona Euro estabilizou nos 2,4% em abril. Mas a expectativa de corte de juros em junho mantém-se já que a inflação subjacente voltou a abrandar.**

A abrandar há três meses consecutivos, a taxa de inflação na Zona Euro conheceu um pequeno revés em abril. A estimativa rápida do Eurostat, conhecida na última terça-feira, indica que a variação homóloga do índice de preços no consumidor (IHPC) terá estabilizado nos 2,4%, a poucos meses do esperado primeiro corte de juros do Banco Central Europeu (BCE), que pode acontecer já na reunião de junho.

O conselho de governadores do BCE referiu, em comunicado após a última reunião, que "será apropriado" avançar com um corte nos juros em junho caso se verifique que "a inflação está a convergir com o objetivo de uma forma sustentada", para que chegue aos 2% em 2025. Mais recentemente, o vice-presidente do BCE, Luis de Guindos, reiterou que o corte de juros pode estar próximo se não houve "surpresas negativas" entretanto.

Embora a estabilização do IHPC nos 2,4% em abril não seja propriamente uma má notícia, pode servir de argumento para os membros do BCE que preferem uma política monetária mais conservadora (os chamados "falcões") rejeitarem o esperado corte de juros na próxima reunião do banco central liderado por Christine Lagarde.

Porém, há boas notícias para a fação menos conservadora (as "pombas"), onde se inclui o governador do Banco de Portugal (BdP), Mário Centeno. A inflação subjacente, que exclui alimentos e energia, terá abrandado de 2,9% para 2,7% em abril, a taxa mais baixa em dois anos. Além disso, os serviços, que continuam a alimentar a inflação, tiveram um abrandamento de 4% - va-

lor no qual tinham estabilizado há cinco meses seguidos - para 3,7%.

Tirando os serviços, as outras principais componentes do IHPC (alimentos, bebidas alcoólicas e tabaco; bens industriais não-energéticos; e energia) deram sinais mistos, numa altura em que a retirada de apoios anti-inflação se começa a fazer sentir com especial expressão entre os países da moeda única.

Por um lado, a variação homóloga do índice relativo aos bens industriais não-energéticos teve também um abrandamento de 1,1% para 0,9%. Já na energia, apesar de a variação homóloga continuar a ser negativa (o que significa que os preços estão mais abaixo face ao ano passado), a queda foi menos expressiva e aproximou a variação do índice de terreno positivo: de -1,8% passou para -0,6% em abril.

Em sentido inverso, a alimentação, bebidas alcoólicas e tabaco voltou a acelerar em abril, aumentando duas décimas para 2,8%. Esta é a primeira aceleração nos alimentos, álcool e tabaco na Zona Euro, depois da forte desaceleração continuada que marcou os últimos 12 meses.

A estimativa rápida dá conta de que oito países tiveram, em abril, uma variação homóloga acima da média do euro, com destaque para Bélgica (4,9%), Croácia (4,7%) e Espanha e Áustria (ambos com 3,4%) que tiveram as taxas mais elevadas. Em sentido contrário, outros oito países tiveram uma inflação abaixo da média do euro, como foi o caso de Portugal (2,3%). Já as taxas mais baixas observaram-se na Lituânia (0,4%), Finlândia (0,6%) e Itália (1%). ■ JA

ID: 110901832

02-05-2024

# Meta para o PIB pode chegar antes do verão

Previsão do Governo próxima de cair após nova surpresa nos dados trimestrais.

ECONOMIA 8 e 9

---